

2009

# BEATRIZ, ISABEL E SAMUEL

(QUE SEJAM FELIZES EM BRASÍLIA)

Daniel Ferreira/CB/DA Press



O FUTURO: MICHELE, MARIA E TARSILA SONHAM COM UMA CIDADE JUSTA E CHEIA DE VITÓRIAS PARA OS FILHOS BEATRIZ, ISABEL E SAMUEL. OS TRÊS BEBÊS NASCERAM NA CAPITAL ÀS VÉSPERAS DO 49º ANIVERSÁRIO

*“A maternidade muda a gente e faz com que tenhamos um olhar diferente de tudo que cerca o nosso lar. Não quero para minha filha nem um milímetro a menos do que eu vivi”*

Michele Márcia Leal Fontes, mãe de Beatriz

ERIKA KLINGL

Como será o futuro? A pergunta faz parte do imaginário de todos os brasilienses, mas ainda é mais forte para os pais de Beatriz, Isabel, Samuel e de tantos outros bebês que nasceram este ano. “A maternidade muda a gente e faz com que tenhamos um olhar diferente de tudo que cerca o nosso lar. Não quero para minha filha nem um milímetro a menos do que eu vivi”, observa Michele Márcia Leal Fontes, de 32 anos, mãe de Beatriz.

Beatriz veio ao mundo em janeiro e transformou a vida de Michele, de 32 anos, e Fábio Coutinho Pompermayes, 34. É a primeira filha deles e carrega os sonhos de uma nova geração na capital do país. Michele e Lázaro nasceram em Brasília na década de 1970 e querem que Bia siga os mesmos passos da infância que eles tiveram, brincando embaixo dos prédios e vivendo sem medo.

Isabel nasceu um mês depois, em fevereiro, e foi a primeira menina de Lázaro Ekua, 43 anos, e Maria Delpilar, 22. Eles já tinham dois garotos e sonhavam com uma princesa para alegrar a casa. “Sempre quis uma garotinha”, resume Maria. Os dois representam um outro lado de Brasília. A formação universal da capital do país. Maria e Lázaro são de Guiné Equatorial e vieram para Brasília para que Lázaro pudesse trabalhar na embaixada. “A vida aqui é boa e a cidade é muito bonita. Para ser perfeita, só faltam minhas amigas e minha família”, brinca Maria.

O menino do grupo acabou de completar um mês de vida. Para Tarsila Araújo, 25 anos, Samuel foi uma esperança de vida. A mãe dela havia morrido dois meses antes do menino nascer. “A vinda do Samuel alegrou ainda mais as nossas reuniões. Ele é

absolutamente perfeito e o mais amado menino do mundo”, comenta a mulher do fotógrafo Cristiano Mariz, de 32 anos.

Os três bebês, lindos e saudáveis, representam o futuro da capital do país, formada, principalmente, por trabalhadores, vindos de todos os lugares e repletos de esperança. Mas, aos 49 anos, Brasília precisa de tantos cuidados quanto Beatriz, Samuel e Isabel. A cidade deve ser nutrida de boas intenções. Deve ser limpa e amada diariamente pelas pessoas que convivem nela e com ela. “Sou otimista com o nosso futuro. Acredito que de alguma forma a cidade vem melhorando”, observa Alfredo Gстал, diretor do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (Iphan), em Brasília.

O segredo dos avanços, segundo ele, está no crescimento da sensação de pertencimento à cidade. “As pessoas estão se conscientizando e os grupos de pressão estão mais organizados.” José Carlos Coutinho, do Departamento Histórico e Artístico (Depha), completa. “É preciso estar muito atento, sempre. Os cuidados na preservação do Distrito Federal devem ser intensos porque são eles que fazem daqui um lugar único.”

Moradores do Sudoeste, Michele e Fábio lembram da infância tranquila em Brasília. “Joguei muito bete embaixo do prédio. Brinquei de pique na rua e passeava no parque com a minha família. Minha infância foi maravilhosa”, lembra a mãe. Para Maria, da Guiné Equatorial, a diferença está na escola dos filhos. “Meus dois meninos mais velhos, de 2 e 6 anos, já estão na escolinha e é muito boa”, argumenta a moradora do Lago Sul. O ensino no DF é considerado um dos melhores do país. “Aqui temos a Universidade de Brasília (UnB), ótimas escolas privadas e colégios públicos que, apesar de alguns problemas, ainda estão entre os melhores do Brasil”, analisa o educador Raul Brito Mendes.

Para Tarsila, moradora da Asa Sul, o que faz de Brasília um lugar especial para criar Samuel é a proximidade da família. “Somos quase 60 morando aqui. Minha mãe foi a primeira a vir e depois todo mundo veio atrás. Hoje estamos todos por aqui”, afirma. A família dela personifica uma característica nova na capital. “Até há poucos anos, não havia muito vínculo entre os moradores. Cada um era de um lugar diferente e os feriados eram vazios nas ruas da cidade porque todos aproveitavam para sair e visitar a família em Minas, Rio e outros estados”, interpreta a cientista social Beatriz Lima.

“Hoje há vínculos. As gerações já nascem aqui e estão firmando raízes”, completa. São essas raízes que fazem uma cidade viva. “É maravilhoso me sentir parte de uma comunidade, mesmo que eu reconheça que Brasília já teve dias mais tranquilos e de mais segurança nas ruas”, afirma Michele.

## Futuro

E o que todas essas mães querem para o futuro de seus filhos? Michele, Maria e Tarsila são unânimes: “Que sejam felizes”. É o que todos os brasilienses, nascidos ou que se apaixonaram pela capital, esperam para as próximas gerações. Os desafios não são pequenos. Especialistas ouvidos pelo Correio destacaram os principais pontos a serem enfrentados e algumas soluções. Para o trânsito, que prejudica o humor do brasiliense, investimento em transportes coletivos de qualidade ou alternativos, como bicicletas. Para o crescimento urbanístico, respeito às áreas de preservação e ao ordenamento público. Para a saúde, mais recursos. Para a cidade, carinho. Nada de jogar papel no chão, de buzinar nas ruas e de colocar os interesses pessoais acima dos comunitários. E que venham os próximos 49 anos.